

PRÓLOGO

TERÇA-FEIRA, 21 DE JUNHO DE 2005
SOLSTÍCIO DE VERÃO

Um enorme sicómoro crescia na ladeira do vale, destacando-se, orgulhoso, na última luz do dia, que pintava o céu em tons de vermelho-rubro e ambarino. A paisagem em redor era tocante e antiga; a muralha romana atravessava a encosta, sobre picos e depressões, sobre rochas escarpadas e turfas suaves, a luz fraca lançava raios longos e esbatidos sobre os campos e, petrificada por tanta beleza, Amy apenas ouviu os passos silenciosos que se aproximavam quando estes estavam praticamente junto dela.

— A vista valeu a pena?

Ela saltou como um coelho assustado.

— S-sim, é maravilhosa — admitiu, tentando acalmar o coração acelerado. — Mas em breve ficará escuro, não é verdade?

— Conheço o caminho de volta — murmurou ele.

— Estou um pouco cansada — declarou. — Prefiro voltar já.

— Porquê tanta pressa? — Ele estendeu a mão para lhe prender uma madeixa de cabelo atrás da orelha. — Lembro-me de quando querias passar todo o tempo comigo.

Ela sabia que era verdade. Em tempos, estivera tão apaixonada por ele, tão cega por uma emoção idiota que confundira com amor, que tudo faria para estar ali. Agora, observando as coisas com outros olhos, esforçava-se por recordar o que alguma vez vira nele.

Interpretando erradamente o olhar dela, ele inclinou-se de súbito, como se a fosse beijar. Amy recuou, erguendo as mãos para o afastar.

As feições dele contorceram-se, o seu sorriso luminoso transformou-se num esgar e os seus olhos brilhantes numa expressão sombria.

— Cibra — vociferou.

Estendeu as mãos e puxou-a com força. Ela debateu-se freneticamente, apercebendo-se por fim do verdadeiro homem que já suspeitara existir sob o afável exterior social.

— Por favor — pediu em voz entrecortada. — Estás a magoar-me!

Amy abanou a cabeça e recomeçou a debater-se, mas ele prendeu-a como se o fizesse a uma borboleta. A sua face chocou contra uma parede de músculo por baixo do corta-vento, e os braços dele rodearam-na de forma que mal se podia mover.

— Lamento — soluçou, detestando a sua fraqueza. — Por favor, vamos tentar ser amigos.

Os braços dele apertaram-lhe dolorosamente as costelas. A respiração e o corpo estremeceram-lhe ao aperceber-se do significado das palavras dela.

— São todas iguais — disse em voz rouca, soprando o ar junto da têmpora dela. — Dei-te tudo. O tempo. A energia.

— Tu... tu hás de encontrar alguém melhor — exclamou Amy, desesperada.

Ele soltou uma gargalhada, cujo som foi insuportável no silêncio que os rodeava.

— És louco — murmurou ela, e ele libertou-a tão de repente que quase caiu, pois tinha as pernas trémulas como gelatina fruto do cansaço e do medo.

— Que disseste?

— Nada. Não disse nada.

Seguiu-se um silêncio curto e tenso. Reconhecendo o perigo, ela deu meia-volta, preparando-se para fugir, mas ele era mais rápido. Estendeu o braço, agarrou-lhe o pulso e puxou-a. A força do movimento foi tão forte que o seu corpo girou fazendo com que o osso do pulso delicado se partisse com um ruído quase audível.

Gritou de dor, mas o instinto foi mais forte. Defendeu-se com uma intuição nascida do terror, arranhando-o e dando-lhe pontapés até o apanhar com força no estômago. Ele dobrou-se e ela aproveitou

a oportunidade. Correu para a árvore, a mente a trabalhar a toda a velocidade. O pulso partido abanava, inútil, enquanto corria pelo terreno irregular, esforçando os olhos para encontrar um atalho na escuridão. Ouvia-lhe algures, não muito longe, a respiração ofegante e sabia que não conseguiria fugir sem dar luta.

Chegando à muralha, ultrapassou-o e rastejou apoiada num só braço sob o ramo de uma árvore, puxou as pedras da muralha, ferindo a pele dos dedos até que uma se soltou. Segurou-a com firmeza na mão boa, pronta para a usar como arma.

Ele já estava próximo.

— Sai, sai, onde quer que estejas — exclamou, com uma gargalhada quase silenciosa. Mas estremeceu só com o som, e sentiu o corpo vacilar.

Pôs-se de pé e encostou-se ao tronco, enquanto o via, à esquerda, trepar a muralha, semelhante a uma sombra escura e silenciosa.

— Aí estás tu — cantarolou, avançando para ela.

Com as forças que lhe restavam, Amy lançou-lhe a pedra e ouviu-a bater. Ele vacilou, mas não acertara no alvo. Era muito mais alto, e ela falhara-lhe a cabeça por vários centímetros.

Tentou de novo, mas ele já a agarrara e a pedra caiu no chão com um som surdo.

Lutaram, mas ele era muito forte. Depois de um breve confronto, o corpo dela bateu no chão sem fôlego, dando-lhe a ele a oportunidade de que precisava.

— Pequena... cabra... — Pronunciou as palavras ao mesmo tempo que ouviu o estalo da cabeça dela contra as pedras do chão.

Depois, o corpo estremeceu e tornou-se flácido debaixo dele. O jacto de sangue quente brotou do corte do crânio e correu por entre os dedos dele, permitindo que desfrutasse daquela novidade, ao erguer a mão, admirado. Houve uma momentânea sensação de pânico e encostou dois dedos trémulos ao lado do pescoço dela. A pele ainda estava quente, mas já sem pulsação.

A enormidade do que fizera percorreu-lhe o corpo, a embriagadora sensação de poder invadiu-o de tal forma que teve de descansar encostado à muralha para recuperar o fôlego. Assistiu à descida

final do sol no horizonte e sentiu-se renascer, como um pássaro livre da gaiola.

Levantou-se para se certificar de que ainda estavam sós e refletir nas opções. Podia levá-la até ao lago e lançá-la à água, mas seria um caminho difícil devido ao peso dela. O carro estava longe, e se a arrastasse até lá, o risco de ser descoberto era maior. Pensou em enterrá-la algures, mas não trouxera as ferramentas para abrir uma cova.

Olhou para a muralha de onde ela retirara as pedras e, a seguir, para o local onde permanecia imóvel. Tinha calçado luvas, mas ficou a pensar no resto. Ela não trouxera mochila, de modo que lhe revisitou os bolsos para retirar quaisquer artigos que a identificassem. Podia dar-lhe mais tempo, quando o corpo fosse encontrado.

Se fosse encontrado.

Pouco depois, subiu a colina e examinou a fenda com a árvore no meio. A muralha parecia igual ao que sempre fora: intemporal e imóvel.

Voltou as costas e dissolveu-se na escuridão.

Adiante, no cume do monte, ardia uma fogueira com chamas altas e cintilantes e o fumo ondulava no céu da noite. Homens e mulheres dançavam em volta, os corpos vergados e as mentes embriagadas. Um homem envergando uma comprida pele de animal erguia as mãos e entoava um cântico ao seu Mestre. O círculo balançava-se e seguia o chamamento.

Faltava uma pessoa, facto que foi notado.

CAPÍTULO 1

DOMINGO, 21 DE JUNHO DE 2015
SOLSTÍCIO DE VERÃO

Era um dia perfeito para caminhar. A manhã surgira e pintara o céu a tecnicolor, cor de limão-pálido, misturado com um tom bronze-alaranjado e um ocre-escuro e profundo. Fiapos de nuvens espalhavam-se por aqui e por ali, mas, de uma forma geral, o dia estava claro e o ar convidativo.

Colin Hart levantara-se muito antes de o sol nascer, oferecendo a si próprio tempo para percorrer o trilho e desfrutar da vista do cimo da colina. Já estivera naquele canto especial do mundo, mas a sua beleza nunca envelhecia. A paisagem ondulava em seu redor, velha como o tempo e cortada apenas pela presença da longa muralha de pedra construída por Adriano.

Ficou um pouco mais ali, a apreciar a paisagem, e bebeu um gole de água da garrafa antes de a voltar a pôr em segurança no suporte especial. Verificou os atacadores das caras botas de caminhada. Satisfeito por tudo estar em ordem, virou as costas ao hipnótico sol e seguiu o trilho que ladeava a Muralha de Adriano desde o forte romano de Housesteads para oeste até Cúmbria. Talvez muitos visitantes caminhassem sobre aquelas pedras antigas, incapazes de resistir ao fascínio, mas ele cumpria as regras. O que aconteceria se todos as infringissem? As pedras esboroar-se-iam, e nada restaria para ser desfrutado pela geração seguinte. Sem dúvida que isso aconteceria, pensou honestamente.

Continuou a vaguear pelo trilho já gasto, imaginando quantos centuriões teriam pisado aquele chão. Rebentos de alfazema brotavam das fendas entre as pedras e tufo de urze cor púrpura floriam, perfumando o ar. Pequenas flores brancas erguiam-se ao longo do caminho, levando-o a questionar-se como teriam chegado àquele lugar remoto.

Gostava de sentir os pulmões a trabalhar enquanto percorria as encostas e de enfrentar o momentâneo receio de cair quando atravessava os declives. Por fim, abrandou para descansar debaixo de um frondoso sicômoro cujas raízes se tinham tornado grossas e fortes. Feliz, pegou num postal com uma fotografia artística daquele local.

Colin tirou a mochila e baixou-se para descansar encostado à muralha. À sombra da árvore, olhou para o vale e pensou nas coisas que ainda tinha de fazer, sobretudo para a mãe, quando regressasse a casa. Mexeu-se, pouco confortável, e esfregou a nuca. As pedras eram mais afiadas do que pareciam. Incomodado, levantou-se, na tentativa de seguir o caminho, quando avistou algo brilhante. Intrigado, aproximou o rosto da muralha e desejou que houvesse mais luz.

As suas preces foram atendidas, pois a manhã ganhou vida nesse momento. A luz do sol derramou-se pela muralha e ele viu perfeitamente o brilho entre as fendas.

Entusiasmou-se e começou a puxar as pedras, mas deteve-se com ar culpado. Não deveria adular assim a muralha. Não estava certo.

Mas um reflexo de prata cintilava na sua direção.

Esqueceu-se da hesitação. Usou o seu peso para empurrar as pedras, até a primeira ceder. Encorajado, fê-lo com mais uma, e depois outra...

Com as mãos cobertas de pó e calcário, caiu para trás e ficou a olhar para o buraco na muralha e, depois, para o que havia na cavidade. Uma pulseira de prata, escurecida pelo tempo, pendia do pulso do que antes fora uma pessoa. Agora restava apenas um monte de ossos ressequidos, atirados para um espaço cavado. Uma caveira olhava para ele com olhos vazios e mandíbulas abertas.

Colin afastou-se e pensou em repor as pedras, fingindo não ter encontrado o corpo. Não seria melhor continuar com a vida? Não

gostava de se envolver nos dramas ou nos problemas dos outros. Sentou-se na relva húmida e mordeu o interior do lábio, a pensar no que seria melhor fazer. Não era tarde demais para regressar a casa, fechar as portas e tentar esquecer o que vira. Ou seria?

Não. Abanou a cabeça. Não deveria ser covarde.

Meteu a mão num dos bolsos interiores do casaco e retirou o telemóvel.

Não tinha rede.

Resignado, com o estômago pesado e a desagradável sensação de um homem cuja vida se alterara irrevogavelmente, encaminhou-se para a civilização

Enquanto Colin Hart pisava a estrada solitária em direção ao carro, outro homem aproveitava para dormir até mais tarde naquele domingo, o que era raro. Com os olhos ainda fechados, o inspetor Ryan combatia uma ressaca demoníaca que se instalara na sua cabeça. Os nervos entre os olhos latejavam e sentia um zumbido distante nos ouvidos. Agarrou debilmente nos lençóis para se endireitar.

Abriu os olhos e os objetos de todos os dias tornaram-se realidade. Uma cama. Um guarda-fato. Uma espécie de espanta-espíritos que balançava na brisa da manhã, diante da janela aberta de par em par. Apercebeu-se de um movimento, o que o estimulou. Viu um homem de olhos arregalados e ar rude a observá-lo no espelho oval por cima da cómoda.

Porque deixara que Phillips o convencesse a beber uísque? É «só um copo» — tinha a certeza de que fora apenas com o que concordara para comemorar.

No dia anterior, Ryan recebera um telefonema dos encantados pais do agente Jack Lowerson, que lhe participaram que o filho saíra finalmente do coma. No Natal, nenhum deles tivera grande esperança de que Jack recuperasse a consciência, depois do ataque sofrido na Ilha Sagrada, que o mergulhara na escuridão e lhe roubara seis meses de vida. Agora havia esperança de que, um dia, Jack se recordasse de quem fora o responsável.

Ryan arrastou as pernas para fora da cama e levantou-se.

Depois, deixou-se de novo cair com um baque.

— Cedo demais — resmungou com uma pesada dose de autocomiseração. — Foi mesmo muito cedo.

Antes de poder mexer-se de novo, a porta do quarto abriu-se de par em par e voltou a ouvir o som horrível que o acordara.

Nessa manhã, era a Chaka Khan no rádio.

Como qualquer mulher, a Dra. Anna Taylor estava à porta a bater o pé ao ritmo da música e a olhá-lo com um misto de piedade e divertimento. Pousou um copo alto cheio de água e duas aspirinas na mesa de cabeceira.

— A noite foi boa?

Ele soltou um suspiro do fundo do coração e firmou-se nas pernas, trémulas como as do Bambi.

— Não tenho a certeza de que seja esse o adjetivo para a descrever — resmungou. — Água. Preciso de água.

Anna sorriu. Era hilariante vê-lo andar em volta da cama como um urso com dores de cabeça. Pela primeira vez via o ilustre inspetor Ryan reduzido a um destroço físico, e não resistiu a implicar com ele.

— Pensei que hoje pudéssemos fazer um longo passeio junto ao rio, depois de pararmos no centro de jardinagem.

Ele estremeceu.

— Ou podíamos ir às compras. Preciso de sapatos e malas.

— Não creio que...

— Talvez nos pudéssemos oferecer para tomar conta dos miúdos dos vizinhos. Seria uma boa prática — continuou de modo a tornar as coisas ainda melhores.

— Anna — exclamou em voz rouca, agarrando no copo e bebendo a água em três goles —, é horrível nunca saber se falas a sério. — Tentou concentrar-se e pensar com cuidado.

Viu que o músculo da boca de Anna estremeceu e que os seus olhos escuros cintilavam.

— Oh! És uma verdadeira comediente.

— Dizem-me sempre isso, mas nunca me canso de o ouvir.

Ele voltou-se para ela com um leve aroma a destilaria. Mesmo desalinhado e naquele estado, tinha bom aspeto. Forte, o cabelo em

ângulos interessantes, pelos quais, via Anna, agora passava a mão, a barba de um dia, rugosa, mas não desleixada. E depois, aqueles olhos brilhantes cinzentos-prata que a matavam sempre que os fixava.

Só meus.

Anna cruzou os braços com ar presunçoso e ergueu o queixo. Ryan estava diante dela, balançando um pouco.

— Cheiras a qualquer coisa que saiu de uma caverna — queixou-se, impassível.

— Consegues tudo quando me lisonjeias.

— Consequia acender o lume no teu hálito.

— Cala-te. Fazes-me corar — respondeu ele com um sorriso lento e intencional.

— Que tal se tomasses duche? — sugeriu Anna, a fungar.

— Excelente ideia. — Passou por trás dela e dirigiu-se à casa de banho junto ao quarto. — Uma coisa que devias aprender é que recupero num tempo recorde.

— E vais precisar.

O sargento Frank Phillips sonhava com uma determinada princesa irlandesa, ruiva e de cabelo comprido. Atacou o castelo, combateu as figuras sombrias que o rodeavam e resgatou-a de um destino pior do que a morte, e ela ficou-lhe *muito* grata...

Quando as coisas estavam a ficar interessantes, foi grosseiramente acordado por um jorro de água fria.

A inspetora Denise MacKenzie estava junto dele e, durante um agradável instante, imaginou-a envergando o flutuante vestido do seu sonho. Qual bebé, estendeu-lhe os braços, esboçando um enormíssimo sorriso.

Denise fez um esforço terrível para não soltar uma gargalhada. Na sua banheira estava um homem de meia-idade, seminu. Tinha um aspeto horrível e cheirava ainda pior. Sentiu um formigueiro nos dedos para ligar de novo o chuveiro.

— Frank — disse em tom ríspido —, que raio fazes dentro da banheira?

— Dá-me um beijinho...

Ela viu-o estender os lábios com um risinho.

— Frank Phillips, estou a avisar-te. Não sou mulher para aturar bêbedos vadios.

— Mas és irlandesa — retorquiu ele num tom inocente.

Denise abriu o duche com água gelada.

Quis o destino que a Sala de Controlo da Polícia de Nortúmbria enviasse o inspetor Ryan e o sargento Phillips para a parte remota da Muralha de Adriano conhecida como Sycamore Gap. A descoberta de restos humanos não identificados era classificada como assunto de polícia, a menos que fossem uma «antiguidade». Isso significava que alguém com a devida autoridade teria de tirar o traseiro da cama para ir ver o que se passava. Como os outros detetives do Departamento de Investigação Criminal estavam ocupados com os habituais homicídios involuntários e danos corporais severos que se seguiam às rixas dos alcoolizados de fim de semana, coube a Ryan e Phillips ignorarem o dia de folga e irem de carro até aos montes. Provavelmente, pensou Ryan, os restos mortais seriam antigos e poderiam passá-los a um arqueólogo para que os examinasse.

A estrada a oeste da cidade de Newcastle-upon-Tyne era panorâmica. Séculos antes, os homens tinham preparado o trajeto para uma estrada longa e reta nessa direção e, embora estivesse agora alcatroada, seguia o mesmo curso. A «Estrada Militar», como era conhecida, levou Ryan por um itinerário paralelo à Muralha de Adriano, passando por represas e campos verdes e ondulantes, povoados por carneiros lãzudos e bem alimentados. Quando viu o sinal castanho a dizer «Forte Romano de Housesteads», abrandou para virar.

A sua atenção foi de imediato atraída por dois pormenores: em primeiro lugar, o número invulgarmente grande de veículos no parque de estacionamento dos visitantes. A história romana não era assim *tão* popular às oito e meia de uma manhã de domingo; em segundo, o seu sargento parecia mascarado.

Batendo com a porta do carro, deu prioridade à mais premente preocupação.

— Phillips? Valha-me Deus, o que tem vestido?

Ao ver o recém-chegado, Frank ergueu um copo de café, para o cumprimentar.

— Bom dia, chefe.

Ryan apropriou-se do café.

— Parece a traseira de um autocarro. — Reconfortava-o ver alguém que se sentia pior do que ele.

Phillips fez má cara.

— Foi o chefe que sugeriu que fôssemos celebrar.

— Não tenho culpa que não aguento a bebida.

— Ah, não?! — Phillips ficou de súbito sem palavras. — Não fui eu quem quase caiu para a frente.

— O pavimento era irregular. — Ryan olhou para o chão a sorrir.

— Por falar de coisas ridículas, repito, o que tem nos pés?

Phillips pôs o pé em ponta, gracioso como uma bailarina.

— Isto? São as velhas botas de caminhada. Temos de andar um bocado e já me conhece... venho sempre preparado.

— Parece que saiu do circo. Além do mais, não vamos escalar o Kilimanjaro.

— Veremos quem é o último a rir, depois de subir o monte com esses sapatinhos de menino da cidade.

— Pois sim. — Ryan olhou em volta. — Perdi alguma coisa? Porquê tanta gente?

— É o corpo — respondeu Phillips. — Mais antigo do que um vulgar cadáver, mas parece recente. Pode ser uma coisa ou outra. Além disso, o esqueleto foi metido dentro da muralha.

— Dentro?

— Sim, por assim dizer. Um fulano encontrou o corpo quando fazia a caminhada matinal.

— Como? Meteu a mão dentro da muralha *por acaso*, no sítio onde estava enterrado um cadáver? — questionou Ryan, incrédulo. — Que comprimento tem a maldita muralha? Cento e cinquenta quilómetros?

— Cento e trinta e cinco — esclareceu Phillips.

— Quase acertei. Cento e trinta e cinco quilómetros de pedra romana, e esse fulano decide mexer exatamente nesse sítio? O que diz ele?

— Pergunte-lhe... está sentado no banco de trás daquele carro. — Phillips apontou com o rosto quadrado de buldogue na direção de um dos veículos da polícia. — Mas diz que saiu para um passeio e decidiu parar debaixo da árvore grande para uma pausa e um *Kit-Kat*. Estava sentado e detetou um brilho prateado numa fenda entre as pedras. Foi ver o que era e eis que encontra mais do que esperava. Está bastante perturbado — acrescentou. — Não para de pedir desculpas por ter mexido nas pedras. Pode dizer-se que quer algemar-se por isso.

Ryan assoprou e meteu as mãos nos bolsos do casaco.

— Acontecem coisas estranhas — comentou. — E o resto? Estou a ver o Faulkner entre a multidão.

— Sim. Está pronto para começar quando o chefe quiser. — Phillips referia-se ao técnico forense principal. — Temos vários cientistas aborrecidos em volta dele. Há uma equipa de arqueólogos e vem a caminho uma antropóloga forense. Mas como saiu de Edimburgo, ainda demora algum tempo... e está ali o Ambrose, o entomólogo. — Phillips contava-os pelos dedos grossos, contorcendo o rosto de tão concentrado. — Temos um dentista forense a postos, se precisarmos, e o patologista já está preparado.

Ryan arqueou uma sobranceira.

— Tanto barulho, não é verdade? Pensei que fôssemos dar uma olhadela aos restos mortais a fim de ver se era trabalho para a polícia. Não precisavam de trazer o Departamento todo atrás. É um desperdício de recursos. Quem deu a ordem?

Phillips fez uma careta.

— Há muita burocracia com este caso. Ali. — Apontou discretamente para uma mulher curvilínea vestida com roupa justa. — Trata-se da arqueóloga da National Heritage, curadora ou lá o que lhe chamam... a manda-chuva regional. Assim que lhe deu o cheiro de qualquer coisa fora do normal, veio a correr para ter a certeza de que não iam espezinhar o local ou derrubar a maldita muralha.

— Ela quer é andar atrás de nós.

Phillips coçou o nariz.

— Em resumo, é o que temos. Está um advogado ao lado dela. Já falam de injunções de emergência, licenças apropriadas. Também conversou com o Gregson, e é por isso que temos aqui toda a gente e mais um par de botas.

Ryan pensou no superintendente, uma figura imponente, tão à vontade à secretária como no campo. Não havia forma de negar que o homem sabia manobrar a política que acompanhava a responsabilidade do posto. Arthur Gregson conseguia ser diplomático quando a situação o exigia, e *aquela* situação preparava-se para uma dessas ocasiões.

— Fantástico. Ótimo. — Ryan meteu as mãos nos bolsos do casaco e olhou em volta. O Forte de Housesteads era um dos maiores centros romanos que exibia ruínas, e tinha um museu e um centro de visitantes. Ergueu um ombro nessa direção.

— A que horas abre o centro?

— Abre das dez às seis, todos os dias. — Phillips já investigara.

— Mas pode estacionar-se o carro se quisermos percorrer os atalhos?

— Sim — assentiu Phillips. — As ruínas estão fechadas ao público fora desse horário, mas em geral não são muito rigorosos com o estacionamento. Quem quer caminhar, deixa aqui o carro e segue os trilhos junto à muralha.

— Então era cedo demais para o pessoal cá estar quando o Colin chegou?

— Sim. Diz que era a única pessoa aqui em volta quando descobriu os ossos. Porquê? Pensa que está a aldrabar?

Ryan encolheu os ombros.

— Força do hábito — disse, e suspirou. — Pensei que um passeiozinho ao campo me livraria das compras de fim de semana.

— Pois também eu tinha grandes esperanças para esta tarde — concordou Phillips, pensando no agradável sonho. — Trabalho a quanto obrigas.

— Concordo. — Ryan engoliu o resto do café. — Venha... vamos pôr este espetáculo na estrada.

CAPÍTULO 2

Com Phillips atrás, Ryan percorreu o parque de estacionamento e dirigiu-se para o grupo de técnicos forenses que se encontravam no extremo oposto. A meio caminho, foi intercetado.

— Inspetor? Sou a Professora Jane Freeman. — Uma mulher vestida de caxemira estendeu-lhe a mão.

A etiqueta a que sempre estivera habituado obrigou-o a corresponder ao gesto.

— Professora Freeman, creio que falou com o superintendente Gregson.

— Exato. Como sou a arqueóloga principal da National Heritage da região, é da minha responsabilidade garantir que qualquer interferência com as pedras seja feita sob condições controladas.

Ryan recuou um pouco e examinou a mulher. Não se parecia por aí além com as arqueólogas que já conhecera. Nada de calças poeirentas de cáqui, de casacos de cabedal ou óculos grandes. Freeman tinha quarenta e poucos anos, era discretamente glamorosa de forma cara, usava um corte de cabelo pintado de louro por um cabeleireiro especializado e a pele suavemente maquilhada. Tinha modos diretos e educados e uma enorme mala de marca de fazer inveja à Mary Poppins.

— Muito bem. Garanto-lhe que teremos toda a atenção para com as suas preocupações no decorrer da investigação — disse ele,

interrompendo-lhe uma resposta automática. — De momento, é imperioso percebermos o que se passou aqui antes de tomarmos outras decisões.

— Inspetor, a Muralha de Adriano é património da UNESCO. Sinto-me obrigada a informá-lo de que não hesitarei em instruir o nosso advogado para que solicite uma injunção de modo a impedir qualquer perturbação no terreno, se pensarmos que a sua equipa não está a agir de acordo.

Ryan começava a perder a paciência.

— Antes que alguém dê instruções a quem quer que seja para fazer qualquer coisa, tenho de ver o cadáver. Depois, poderei concluir se se trata de um caso de polícia ou de uma coisa para si e para os seus amigos examinarem e enfiarem no museu. Sou eu que decido quem mexe no quê, onde, quando e como. Até lá, francamente, a senhora está a fazer perder tempo a toda a gente.

Ela entreabriu a boca, chocada.

— Com licença. — Ryan acenou bruscamente com a cabeça, antes de se afastar. Phillips acompanhou-o.

— Não precisava de a irritar tanto, rapaz.

— Não tenho tempo para lhe dar mimos, Frank.

Ryan preferiria ser submetido a tortura a ter de admitir que as suas finas botas de camurça eram inadequadas àquele terreno. Assustou-se no momento em que se inclinou para a frente e os pés lhe escorregaram no terreno gasto. Só o orgulho o salvou de uma queda embaraçosa diante do seu sargento e da equipa forense que o seguia. Felizmente, deteve-se quando avistou o icónico sicómoro na vertente do vale, onde a muralha tomava a forma de *U*. Deu uma vista de olhos ao que o rodeava e apreciou o esplendor do campo, uma manta de retalhos em tons de verde e púrpura. Não havia edifícios à vista, nada de moradias nem qualquer abrigo natural onde alguém com intenções criminosas pudesse decidir esconder-se. Examinou o chão enquanto percorria a distância a partir de Housesteads, passando pelas ruínas de um forte romano, que mais parecia uma miniatura e fora construído a intervalos ao longo da muralha, ou pelo

menos assim informava o *placard*. Continuaram pelo carreiro, passando por afloramentos escarpados e um pequeno lago, descendo a bacia do vale até poder finalmente caminhar mais à vontade sem ter de se concentrar em todos os passos.

Por força do hábito, puxou de um macacão de papel branco. Phillips fez o mesmo e avançaram com Tom Faulkner para uma exploração inicial. Um largo perímetro fora já vedado com fita policial e a tenda amarela erguida em redor do corpo parecia deslocada. Um jovem agente guardava a área como uma sentinela. Trocaram algumas palavras e ele acrescentou os seus nomes à lista dos que entravam e saíam.

Faulkner foi o primeiro.

— Depende da idade do cadáver — começou, ofegando um pouco enquanto desciam o que restava do monte. — Mas não espero encontrar grande coisa, a menos que os restos sejam recentes. Creio que as provas que poderiam estar no solo desapareceram há muito.

Ryan concordou. A Muralha de Adriano recebia milhares de visitantes todos os anos e cada passo deteriorava ou deslocava os vestígios que Faulkner e a equipa procuravam.

Ao aproximarem-se, viram as pedras retiradas no chão, deixando um grande espaço, e também o que perturbara o infeliz Colin Hart no seu passeio matinal.

— Não há aqui nada óbvio que possa indicar uma alteração, mas também não haveria — comentou Faulkner, examinando o chão enquanto se aproximava da cavidade. Agarrou numa máquina fotográfica de aspeto caro e começou a tirar fotografias de ângulos diferentes usando as enormes lentes de *zoom*.

— Vamos fazer uma investigação forense minuciosa para ter a certeza de que não há nada de interesse. Ah, mas digo-vos já que estes restos mortais não são muito recentes. Não vejo grande tecido cutâneo; resta apenas um pouco de pele semelhante a couro. — Faulkner pôs a máscara e acocorou-se a fim de obter uma visão melhor. — O patologista terá de conversar com o antropólogo forense para ter uma data exata e começarmos a identificá-la.

— Ela?

Com as mãos enluvadas, Faulkner pegou num instrumento comprido e prateado e ergueu suavemente um dos ossos.

— Isto parece a pélvis. Não sou médico, mas o que me diz a experiência? As dimensões e a forma parecem femininas. — Fez nova pausa para examinar a zona, a cavidade e a ausência de decomposição recente. — O cabelo aparenta ser comprido, o que talvez também indique uma mulher. E também por usar uma pulseira deste tipo. — Apontou para a escrava de prata embaciada que pendia de um dos ossos.

— Pensava que o cabelo continuava a crescer depois da morte — declarou Phillips.

— Trata-se de um equívoco comum. — Faulkner levantou-se e voltou-se para ele de novo. — Vão querer a opinião final dos forenses, mas estes ossos devem ter cerca de quinze anos.

— Pelo que nos toca, são recentes — comentou Phillips.

— É certo. — Faulkner apontou para os restos mortais com a mão enluvada e acrescentou: — E digo-vos outra coisa, aposto que quem a matou nunca pensou que fosse encontrada depois de todo este tempo.

— Azar — replicou Ryan com um sorriso feroz antes de dar meia-volta para seguir pelo mesmo caminho.

Assim que regressaram ao cume onde a fortaleza de Housesteads fora construída, Phillips foi encarregado de ir tratar da papelada necessária. Havia impressos para assinar e protocolos a seguir antes de os restos mortais serem retirados de um local com importância histórica. Embora sendo mesquinho da sua parte, Ryan sentiu-se aliviado por a responsabilidade de tomar conta do cadáver ter ido parar às suas mãos. Às *suas* mãos. No caso de uma investigação criminal, a justiça tinha precedência sobre a antiguidade.

Era evidente que isso não representava um obstáculo para a intrometida Professora Freeman, que continuava a dar-se a conhecer à polícia e à equipa forense no local.

Algo irritado, Ryan voltou a atenção para Colin Hart, sentado no banco traseiro de um dos carros da polícia estacionado nas proximidades. Meteu a cabeça.

— Senhor Hart?

Viu um homem de quarenta e tal anos, de cabelo castanho-claro, despenteado pelo vento e talvez pelos dedos inquietos, que o recebeu com olhos azuis brilhantes e um rosto normal, com rugas leves e bem barbeado. Uma personalidade vulgar, deduziu Ryan.

— Sou o inspetor Ryan. Apetece-lhe apanhar ar? — Segurou a porta para que o outro homem saísse com alguma dificuldade.

— Obrigado — disse Colin. — Começava a pensar que se tinham esquecido de mim.

— Peço desculpa. Tivemos de resolver alguns assuntos em primeiro lugar — replicou Ryan em tom descontraído.

Caminharam lentamente, sem destino definido.

— Quer que lhe traga água?

— Bom, eu tinha na mochila. — Colin voltou-se como se a procurasse.

— Ainda lá está, não se preocupe. — Ryan deteve-se junto ao parque de estacionamento, no local onde o asfalto se misturava com a erva que levava ao Forte de Housesteads.

— Então, Colin? Importa-se que o trate por Colin?

— Faça favor.

— Conte-me o que aconteceu esta manhã. Como encontrou o corpo?

Ryan pensou que o homem estava nervoso, mas não tanto que tivessem de andar com pezinhos de lã em volta do assunto.

Colin expirou o ar com força.

— Caminhava, mais nada. Queria chegar a Sycamore Gap para tentar apanhar o nascer do sol. — Continuou a falar do que fizera de forma calma e pragmática.

Ryan refletiu.

— Não me leve a mal, mas o senhor não me parece um homem curioso. O que o levou a mexer nas pedras?

Colin parecia terrivelmente culpado, pensou Ryan, sorrindo para consigo.

— Lamento muito, mesmo muito, ter mexido na muralha. Nem sei explicar o que me aconteceu. — Colin abanou a cabeça, talvez para si mesmo. — Normalmente nunca pensaria em fazer tal coisa.

Ryan fez um gesto breve para desvalorizar o assunto.

— Vejamos as coisas nesta perspectiva. Pode não parecer bem, mas aposto que todos os anos centenas de pessoas caminham sobre estas pedras, quando pensam que ninguém está a ver. Talvez se tenha entusiasmado um pouco, mas pelo menos encontrou algo interessante.

— É horrível — disse Colin lentamente. — Vi o reflexo da prata e, nem sei, talvez pensasse que se tratava de um tesouro enterrado. De qualquer forma, tinha de *saber*. Quando as pedras se soltaram e olhei lá para dentro...

Engoliu em seco ao lembrar-se daquelas enormes órbitas vazias.

— As pedras saíram com facilidade?

— Bem, será melhor ser franco e dizer que estavam um pouco apertadas. Foi preciso algum esforço para as soltar.

— Estou a ver. — Ryan via *de facto* o que provavelmente acontecera. Colin pensara estar à beira de uma descoberta arqueológica, talvez um tesouro de antigas moedas romanas, e tentara escavar a parede na pressa de o descobrir. Mas, para seu desgosto, deparara-se-lhe uma coisa bem diferente.

— Não se apercebeu de que podia estar algo escondido ali, até reparar no reflexo prateado?

Colin estremeceu.

— Não. Não fazia ideia. Foi um choque.

No mínimo, pensou Ryan. Estavam um pouco afastados da entrada do centro de visitantes e podiam ver as ruínas do forte por entre o gradeamento.

— Aposto que conhece toda a história deste local — disse Colin de repente.

— Porque diz isso?

Colin encolheu os ombros.

— A sua namorada. É historiadora, não é verdade?

Ryan observou-o com atenção.

— Não quero dizer... isto é... o senhor apareceu nas notícias no Natal. Aquela história da Ilha Sagrada. Reconheço a sua cara.

— Tem boa memória. — Ryan abriu a boca para dizer algo mais, mas foi interrompido pelos gestos largos dos braços de Phillips, que

parecia encurralado pela Professora Freeman. Guardando de momento a ideia, instruiu um agente para que continuasse a registrar o depoimento de Colin Hart.

Assim que viu Colin em segurança dentro do carro da polícia, Ryan levou mais um minuto a examinar o conteúdo da mochila do homem, que se danassem as regras e os regulamentos. Passou os olhos por um pequeno postal retangular com a data do carimbo dos correios, mas sem texto.

O processo de remover os restos humanos da cavidade da muralha foi demorado e enfadonho, mas necessário se, no futuro, tivesse de ser instaurado um processo. Ryan aprovou os recursos, incluindo uma equipa de arqueologia forense que, camada a camada, exumou o cadáver do local onde repousava. Ao mesmo tempo, o entomólogo da polícia, o Dr. Ambrose, um homem entroncado que passava a maior parte da vida no seu confortável gabinete da Faculdade de Ciências Biológicas de Newcastle, examinava os ossos e a zona circundante em busca de sinais de atividade de insetos. À medida que as horas passavam lentamente, Ryan via-o andar em redor da escavação como uma toupeira, com os olhos míopes a beneficiarem da ajuda de óculos de lentes extrafortes.

Ryan recordava-se de ter passado uma manhã desagradável nos confins do gabinete do Dr. Ambrose, rodeado de restos de insetos metidos em frascos e ratazanas em decomposição dentro de tinas de plástico. As primeiras edições de *Faune des Tombeaux* e *La Faune des Cadavres* tinham lugar de honra na prateleira ao lado da sua secretária, e aqui e ali havia molduras com fotografias sinistras do processo de decomposição.

Esquisito.

Ambrose podia ser excêntrico, mas ajudaria a datar um corpo no espaço de dois anos, e em dias ou até horas, tratando-se de cadáveres mais recentes, o que fazia dele uma pessoa que era útil conhecer.

Um pouco afastada do local onde Ryan e Phillips se encontravam, no alto do monte sobranceiro a Sycamore Gap, a Professora Freeman guardava o ninho como uma mãe-galinha. Rodeava a

equipa de arqueólogos, supervisionando o movimento de cada pedra, a deslocação de cada calhau. Num ato de suprema diplomacia e por deferência aos desejos do seu superior, Ryan decidira incluí-la no processo como consultora executiva.

Horas depois, quando a sua equipa terminou o que podia fazer num dia, Ryan e Phillips dirigiram-se à paragem seguinte, sem dúvida menos pitoresca, da sua volta por Nortúmbria. A morgue da Royal Victoria Infirmary era um triunfo de organização clínica. Filas de gavetas metálicas alinhavam-se nas paredes do enorme espaço, pintado de branco, onde as macas com rodas também se encontravam em filas perfeitas, algumas ocupadas, outras vazias. Com um aceno de cabeça, Ryan cumprimentou alguns agentes funerários que reconheceu, passou pelas macas e dirigiu-se ao canto oposto da sala. Sentiu um leve estremecimento, em parte graças ao sistema especializado de refrigeração que lançava ar gelado nos compartimentos para compensar os fornos. Ryan e Phillips entraram por uma porta lateral numa série de antecâmaras, cada uma delas preparada para autópsias especializadas ou avaliações clínicas. O cheiro cítrico do formol misturado com formaldeído seguiu-os até a uma porta com o nome «Dr. Jeffrey Pinter».

O patologista chefe da polícia era um homem experiente de cinquenta e poucos anos. Alto, tal como Ryan, alguns centímetros acima do metro e oitenta — mas mais magro, a julgar pela bata branca que lhe pendia dos ombros. Apesar de uma vaga semelhança com o Ceifador de Almas, facto realçado pela morbidez do local de trabalho, Pinter era alegre. Ergueu os olhos da secretária com um sorriso rasgado quando os polícias entraram no seu gabinete.

— Ryan, Phillips. — Levantou-se e estendeu a mão. — Que prazer em ver-vos.

— Igualmente, Jeff. Obrigada por nos ter cedido tempo do seu fim de semana.

— O que tem de ser tem muita força, pelo menos é o que dizem. Estive a examinar a senhora que me mandaram — disse Pinter agarrando as lapelas da bata num gesto muito seu. — Há coisas interessantes a apontar.

— Tais como?

— Será melhor mostrar-vos. Venham comigo, pu-la no Gabinete B.

Os ossos estavam dispostos numa maca metálica, lembrando um *puzzle*, para formarem um esqueleto completo. Finas madeixas de cabelo saíam-lhe do crânio e havia ainda bocados de pele seca agarrada aos ossos. Os três homens debruçaram-se sobre o cadáver, com máscaras cirúrgicas e o cabelo protegido por toucas de papel, de forma que apenas os seus olhos eram visíveis.

— Como veem, o esqueleto está completo, o que é notável — disse Pinter. — Podemos concluir que foi metida na muralha pouco depois de morrer. De contrário, haveria decerto mais interferência da vida selvagem local. As raposas têm um olfato excelente.

Phillips fez uma careta. Já vira alguns desses cadáveres; homens e mulheres cuja carne fora despedaçada por animais famintos.

— Pois bem, já é alguma coisa — disse de forma concisa, depois pigarreou. — Como acha que ela morreu?

Pinter franziu o sobrolho e a touca deslocou-se na cabeça, como uma cabeleira de teatro.

— Aqui — disse, indicando um lado do crânio. — Podem ver que houve um impacto forte, a julgar pela fratura sobre a orelha esquerda.

Phillips inclinou-se e viu a fenda, que agora não passava de um buraco vazio, depois da decomposição que se concentrara nessa zona.

— Alguém deu-lhe uma boa pancada.

— Podem dizê-lo — concordou Pinter, dando uma gargalhada que interferiu com os nervos de Ryan. — Parece ser a prova mais óbvia de traumatismo de um instrumento embotado ou, na minha opinião, um impacto forte com algo sólido. Sofreu provavelmente múltiplas pancadas. Depois disto, não podemos estar cem por cento certos de como morreu, os restos mortais consistem em osso, na sua maioria, e, conforme podem ver, não há maneira de examinarmos os órgãos internos em busca de provas de outros traumatismos. — Respirou fundo e continuou: — Além de os ossos se terem separado devido à deterioração causada pelo tempo, há um intervalo menor no osso do pulso, que deve ter ocorrido aproximadamente no momento da morte. Também reparei em algumas fraturas, talvez provocadas na

infância. — Apontou para o antebraço esquerdo. — Estou à espera do relatório da histologia, que chegará dentro de quarenta e oito horas, a menos que queiram que o apresse. Colhi amostras dos ossos e dos tecidos restantes, mas também não se deteta grande coisa.

— Tecnicamente, isto não é urgente. E a identidade?

— O Faulkner não encontrou marcadores identificativos no corpo, nem tão-pouco no local; nada de cartões bancários. Agora estamos a ver os registos dentários. Entretanto vamos fazer um teste de ADN às amostras e compará-las com a base de dados para ver se há correspondência. De contrário, será caso para as Pessoas Desaparecidas, e boa sorte.

Ryan limitou-se a acenar com a cabeça.

— Quanto tempo pensa que tem o cadáver?

— Bom, em relação a isso, ia apresentar-vos à nossa nova antropóloga forense. É com ela que precisam de falar. Trabalha com o Doutor Ambrose e comigo para obtermos uma cronologia. Querem que a chame?

Com um passo elástico, Pinter saiu do compartimento e seguiu pelo corredor. Atrás dele, Ryan e Phillips trocaram um olhar surpreso e esperaram ansiosos pela mulher que parecia ter causado uma nova *joie de vivre* em pelo menos um membro do pessoal da morgue.

A Dra. Ann Millington era uma mulher metódica de quase trinta anos. Usava cabelo comprido louro-cinza apanhado num rabo de cavalo e óculos finos de marca encavalitados no nariz. Ao contrário de Pinter, que saltitara para sair da sala de exames como uma personagem de *Winnie the Pooh*, ela entrou mais calma, com um fino dossiê azul numa mão e uma caneca de café fumegante na outra. Ryan olhou para a caneca com ar de cobiça quando ela a pôs num canto da secretária.

— Doutora Millington?

— Os meus amigos chamam-me Millie — disse ela, estendendo uma mão pálida para os cumprimentar.

Ryan pensou que era mais jovem do que esperava, porém, mesmo assim, era a pessoa de confiança a consultar em relação ao que tivesse

que ver com antropologia forense. Significava apenas que aproveitara bem o tempo. Apertou com firmeza a mão que lhe oferecia.

— Inspetor Ryan, sargento. O Doutor Pinter disse-me que gostariam de discutir o que descobrimos até aqui. Vai juntar-se já a nós, pois teve uma entrega de última hora.

Ryan não sabia bem o que sentir em relação às «entregas» de pessoas mortas. No seu mundo, uma entrega significava uma encomenda ou um presente. Não entendia como podiam ver do mesmo modo cadáveres em decomposição.

Pôs essa ideia de lado e aproximou-se para ficar em frente dela, do outro lado da maca de rodas.

— Agradecemos que tenha disposto do seu tempo para vir de Edimburgo examinar isto — começou. — Objetivamente, não se trata de um caso urgente.

Ela esboçou um breve sorriso.

— Todos os casos de morte inexplicada têm alguma urgência.

Assentiu, satisfeito por ela pensar da mesma forma.

— Estamos particularmente interessados em determinar a idade do cadáver.

— Compreendo. O Doutor Pinter já começou a recolher as amostras de ADN e de toxicologia e está a tratar dos registos dentários. Para que tudo fique perfeito, já dei início ao processo de submeter as amostras do tecido restante ao teste do carbono-14.

A reação dos dois homens sentados diante dela foi quase cómica. Ryan adotou uma expressão cuidadosamente neutra para mascarar a sua total ignorância em relação ao processo da datação pelo carbono-14, pois havia muito que esquecera o seu treino básico acerca do assunto. Phillips assentia com ar sábio, adotando uma expressão paternal com o mesmo objetivo.

— Gostariam que vos explicasse o processo? — sugeriu.

Ambos assentiram, aliviados.

— O carbono radioativo, ou carbono-14, entra naturalmente no corpo humano pela cadeia alimentar biológica. Decompõe-se com o passar do tempo a um ritmo matematicamente previsível e, assim que um organismo morre, o corpo deixa de adquirir carbono.

» Então, durante as décadas de cinquenta e sessenta do século passado, vários países, inclusive o Reino Unido, autorizaram os testes de armas nucleares no terreno. Embora isto tenha terminado, o efeito residual é superior ao nível normal de carbono-14 na atmosfera. O dobro, por assim dizer. Torna-se sobretudo útil na minha profissão e na vossa, pois podemos testar os níveis de carbono num corpo. Os dentes absorvem-no facilmente — acrescentou.

— Então medem o carbono nos dentes e comparam-no com os níveis conhecidos do carbono atmosférico do tempo em que os dentes se teriam desenvolvido. As pessoas nascidas depois dos anos cinquenta teriam um nível superior, não é verdade? — Phillips entendera tudo. Voltou-se para Ryan e encolheu os ombros ao ver a expressão admirada do inspetor. — O que foi? De vez em quando vejo o Discovery Channel.

— Pois sim. Quando não está a ver o Sky Sports — resmungou Ryan.

— Sim, em termos simples, é esse o processo — concordou Millie, eliminando a mímica entre eles, como se fosse uma professora primária. — As leituras do carbono são feitas todos os anos desde a década de cinquenta, de modo que podemos usar as equações para extrapolar a data de nascimento da nossa vítima desconhecida. Os resultados devem estar disponíveis em breve e serão úteis se nada se concluir dos registos dentários.

— Muito agradecido.

Millington retirou algumas folhas de papel do dossiê que tinha nas mãos.

— Eis uma cópia do meu relatório preliminar, que já enviei para o *e-mail* do seu gabinete. Vou atualizá-lo quando chegarem os resultados do laboratório, mas posso já confirmar: o esqueleto é de uma mulher, segundo o recorte circular da pélvis, provavelmente da Europa Ocidental. Nos primeiros anos, deve ter desfrutado de um ambiente socioeconómico confortável, até de uma dieta equilibrada, pois os ossos estão bem desenvolvidos. O facto de estar intacta, em grande parte, em vez de se ter esboroadado, sugere um espécimen saudável com uma altura entre um metro e sessenta e um metro e setenta.

Ryan escutava enquanto passava os olhos pelo relatório impecavelmente datilografado.

— A julgar pelo comprimento do fémur, os molares, o crânio... diria que poderia ter entre dezoito e vinte cinco anos.

Millie indicou as zonas relevantes do esqueleto, com o tom de voz objetivo, cultivado por muitos profissionais médicos e científicos. Da sua posição um pouco afastada, Phillips tentava não a recriminar. Nunca tivera estômago para essa parte do trabalho e já sentia as entranhas a queixarem-se da proximidade da morte.

Para um detetive de homicídios, era uma espécie de enigma.

— Disse que havia ferimentos?

— Sim. — Millie pegou noutra folha de papel que mostrava o contorno de um esqueleto anotado com marcadores que indicavam a presença de anormalidades. — Os ferimentos anteriores à morte incluem fraturas saradas no braço esquerdo, talvez fruto de uma queda na infância. Mais interessante é a fratura do pulso esquerdo, que creio ter sido feita cerca da hora da morte ou um pouco antes. Não há prova de que o osso se tenha soldado.

Os dedos dela pairaram sobre o pulso fraturado, que aos olhos pouco treinados de Ryan mais parecia uma massa confusa de matéria óssea. Mesmo assim, apresentava-se todo o tipo de possibilidades — a vítima teria lutado, caído ou sido imobilizada à força perto do momento da morte?

— Mmhmm — limitou-se a dizer. — E o intervalo pós-morte?

Millie cruzou os braços.

— Calculo que a idade dos restos mortais ronde os dez anos — informou. — Isto já tem em conta as temperaturas médias da região, a acessibilidade da vida selvagem e o estado geral do corpo quando o encontrámos. O Jeff concorda comigo e o Doutor Ambrose acrescentou a sua opinião. Definitivamente, julgamos que a vítima morreu há não mais de dez anos.

— Menos do que pensávamos — murmurou Phillips.

— Sim — concordou Ryan num tom monótono. Olhou para o relógio.

Quatro e um quarto.

— Convoque um *briefing* para as seis e meia, Frank. Quero toda a gente a postos.